

O cinema é uma fábula de antigamente (ontem passou a ser antigamente) contada por arqueólogos de sonho, em estilo didático, a jovens ouvintes que pensam em outra coisa.

Carlos Drummond de Andrade



Personagens reais, moradores de rua e atores misturam-se para contar a história do herói-título Cocoré. Em depoimento para O Cometa, o filmmaker (fazedor de filmes) Tullio Marques confessa que por trás de toda lei e ordem há uma bandagem bem-feita, pronta pra ser capturada pelas lentes da arte, arte essa, por sua vez ilegalizada e desordenada, por trás da qual há uma honestidade mal-feita etc., etc. (BV)

AS REGRAS

“Você ainda era projeto por vir a existir quando conheci um mendigo que dormia no calorzinho da saída do ar quente do forno da padaria Savassi. E esse cara, naquela época, começo dos anos 60, contava a história de um direito do qual ele fora lesado, uma vez que a sua bisavó, uma crioula, não pôde verificar uma herança que provinha do bisavô de Cocoré, que com isso viu-se prejudicado em receber umas terras aqui no entorno de Belo Horizonte. Isso é um inventário realmente conhecido como “Testamento das Crioulas”, um fato histórico”.

O JOGO

“Inspirado nisso, parti pruma ficção homenageando Cocoré, um nome forte, interessante. E sendo um filme que discute uma questão de ocupação em contraposição à invasão, fundamentado num direito constitucional, a gente traz também à baila a questão entre a lei e o direito. Cocoré junta um grupo e todos vêm para Belo Horizonte, tentar reaver parte da terra, e circunstancialmente acabam dormindo num prédio abandonado, a convite de um morador que já o ocupava há algum tempo. Surge a idéia de montar ali uma fazenda vertical”.



O TIME

“O filme teve a colaboração de mais de 150 pessoas, que se doaram de maneira voluntária. Durante 10 anos tentei o apoio de institutos de apoio cultural, leis de incentivo etc. e tal, mas como o filme dá porrada geral na estrutura, jamais alguém quis colocar sua marca junto a um filme que tornava-se maldito pelo seu próprio conteúdo. Então criei um sistema de cooperativados ideológicos, que emprestaram seus talentos para a realização do filme. Entre eles destaco o grande ator Dimir Viana, que fez o Cocoré, e o Mexicano, que é o Alberto Ruz, que coordena a Caravana Arco Íris. Junto consigo ele trouxe todos aqueles elementos da Caravana, do mundo inteiro, principalmente do planeta estratosférico. Eles trouxeram essa ligação pra parada, e quando o Alberto Ruz teve conhecimento do meu roteiro, ele se ofereceu para participar, porque o roteiro vinha de encontro, na lata e na testa, com o que a Caravana promove.”

O RESULTADO

“Foi a fome com a vontade de comer. E em virtude do trabalho decorrer dessa ação voluntária, entendemos que ele se torna de direito público e, portanto, franquemos a pirataria legitimada, até porque o filme em si contesta esse modo distributivo, e outras regras que condicionam as obras a uma medida de conveniência conforme o entendimento acadêmico e outras referências extravagantes e extraviadas que tentam eliminar o nosso tupiniquismo way-of-life pra nos tornar um cahier du cinema”.

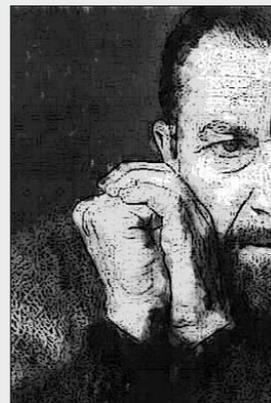


(Tullio Marques)

UNITED ARTISTS OF COCORÉ

Béjart:

1º de janeiro de 1927
22 de novembro de 2007



IZABEL COSTA*

Nasceu Maurice Berger, filho do filósofo Gaston Berger. O nome artístico é uma homenagem a Molière (Béjart era o nome da mulher do famoso dramaturgo). Fascinado por um recital de Serge Lifar, um dos maiores bailarinos do século 20, decidiu consagrar-se inteiramente à dança, desde muito jovem. Fez-se bailarino e coreógrafo simultaneamente, e várias de suas obras coreográficas foram dançadas primeiro por ele. Formou duas importantes companhias de dança na França, uma na Bélgica e duas na Suíça, e fundou escolas em Bruxelas, Dacar e Lausanne. Usou a técnica clássica como base de seu trabalho, mas nunca se fechou a nenhum movimento contributivo para a orquestrada, de vanguarda ou tradicional.

“Tradição é pesquisa. Ou seja, a transmissão, através dos tempos, de certos fatos e atitudes. O que não deve ser insípido: transmitir a mensagem dos criadores do passado é fazer como eles, e o que fizeram eles? Procuraram, arriscaram, rebelaram-se, eram frequentemente mal vistos ou malditos. Jamais copiaram. Beethoven não copiou Mozart, Schubert não copiou Beethoven, Wagner não copiou Schubert. Cada um deles estudou e amou seus predecessores, e procurou, através dos exemplos, ir mais longe: não mais longe que os outros, mas mais longe que eles mesmos.”

Em 59, foi convidado pelo diretor do théâtre royal de la Monnaie, Bruxelas, para o desafio de montar uma nova versão do já célebre balé Sagração da Primavera (Nijinsky-Stravinsky), com um elenco que acabou resultando em uma nova e definitiva companhia sob sua direção: o Ballet du XXe siècle, que, entre os seus maiores momentos, levou à cena a Nona, de Beethoven, Pássaro de Fogo, de Stravinsky e o Bolero, de Ravel. Béjart trabalhava a dança como a configuração e a realização cênica da música, levando-o a um